

## FILHAS DAS VOZES ANCESTRAIS A MATERNIDADE E ANCESTRALIDADE NA POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

**Jeciely Ildefonso de Oliveira**  
(Universidade Estadual do Oeste do Paraná)

RESUMO	ABSTRACT
<p>Este ensaio explora a importância da ancestralidade e da maternidade na poesia de mulheres negras, destaca como esses temas se entrelaçam para fortalecer a identidade e a resistência feminina. Através da análise dos poemas <i>Vozes-Mulheres</i> de Conceição Evaristo (2017) e <i>sanfoka</i> de Ryane Leão (2019), evidencia-se a continuidade das vozes ancestrais e a transmissão de sabedoria entre gerações. Conceição Evaristo tece uma narrativa intergeracional que dá voz às suas antepassadas e enfatiza a conexão profunda entre passado, presente e futuro. Ryane Leão, reflete e expande os temas apresentados por Evaristo, reforça a importância de contar histórias e de honrar as experiências das mulheres que vieram antes. O ensaio também aborda as contribuições teóricas de Luce Irigaray (1974), bell hooks (1981) e Djamila Ribeiro (2017) para o feminismo negro, ressalta a interseccionalidade como ferramenta essencial para compreender as múltiplas opressões que afetam as mulheres negras. A integração das perspectivas teóricas com as expressões poéticas demonstra como a literatura atua como um espaço de resistência e empoderamento. Ao reconhecer e celebrar a ancestralidade e a maternidade, as poetisas fortalecem a identidade coletiva e promovem a continuidade das lutas por justiça e igualdade. Assim, o ensaio destaca a importância de dar voz às experiências silenciadas e de valorizar as contribuições das mulheres negras na construção de uma sociedade mais inclusiva.</p>	<p>This essay explores the importance of ancestry and motherhood in the poetry of black women, highlighting how these themes intertwine to strengthen female identity and resistance. Through the analysis of the poems <i>Vozes-Mulheres</i> by Conceição Evaristo (2017) and <i>sanfoka</i> by Ryane Leão (2019), the continuity of ancestral voices and the transmission of wisdom between generations is highlighted. Conceição Evaristo weaves an intergenerational narrative that gives voice to her ancestors and emphasizes the deep connection between past, present and future. Ryane Leão reflects on and expands the themes presented by Evaristo, reinforcing the importance of telling stories and honoring the experiences of the women who came before. The essay also addresses the theoretical contributions of Luce Irigaray (1974), bell hooks (1981) and Djamila Ribeiro (2017) to black feminism, highlighting intersectionality as an essential tool for understanding the multiple oppressions that affect black women. The integration of theoretical perspectives with poetic expressions demonstrates how literature acts as a space of resistance and empowerment. By recognizing and celebrating ancestry and motherhood, women poets strengthen collective identity and promote the continuity of struggles for justice and equality. The essay thus highlights the importance of giving voice to silenced experiences and valuing the contributions of black women in building a more inclusive society.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Feminismo; Interseccionalidade; Maternidade da Mulher Negra; Ancestralidade; Literatura Brasileira.	Feminism; Intersectionality; Black Women's Motherhood; Ancestry; Brazilian Literature.

### INTRODUÇÃO

A ancestralidade, a maternidade e a interseccionalidade emergem como temas centrais no feminismo negro contemporâneo, constituem pilares fundamentais para a compreensão das experiências vividas pelas mulheres negras na sociedade. O propósito deste ensaio propõe uma reflexão sobre a importância da interseccionalidade no feminismo

negro, explora as contribuições teóricas de Luce Irigaray (1974), bell hooks (1981) e Djamila Ribeiro (2017). Além disso, analisaremos como a ancestralidade e a maternidade são expressas na poesia de Conceição Evaristo (2017) e Ryane Leão (2019), destaca a relação intrínseca entre essas obras e como elas dialogam entre si, especialmente na continuidade das vozes femininas através das gerações.

A interseccionalidade, conceito cunhado por Kimberlé Crenshaw (1989), é indispensável para revelar as múltiplas camadas de opressão que afetam as mulheres negras, integrando aspectos de raça, gênero, classe e outras identidades sociais. Luce Irigaray (1974), ao discutir a construção social do gênero e a linguagem como instrumento de poder, oferece uma base para entender como as diferenças são oprimidas e silenciadas. bell hooks (1981) aprofunda essa análise ao criticar o feminismo hegemônico por negligenciar as experiências das mulheres negras, defende um feminismo inclusivo e antirracista. Djamila Ribeiro (2017) traz essa discussão para o contexto brasileiro, enfatiza a importância do lugar de fala e da representatividade das mulheres negras nos espaços de poder e produção de conhecimento.

Paralelamente, a ancestralidade e a maternidade são exploradas como fontes de força, resistência e identidade na literatura negra feminina. Conceição Evaristo, em seu poema *Vozes-mulheres* (2017), tece uma narrativa que atravessa gerações, dando voz às suas antepassadas e destacando a continuidade das lutas e resistências das mulheres negras. Ryane Leão, *sankofa* (2019), retoma esses temas, reforçando a conexão com as ancestrais e incentiva as mulheres a contarem suas histórias como forma de empoderamento e quebra do silêncio histórico.

Ao relacionar os poemas de Ryane Leão (2019) com a última estrofe de *Vozes-mulheres* de Conceição Evaristo (2017) percebe-se uma continuidade temática que enfatiza a importância de dar voz às experiências silenciadas das mulheres negras. Ambas as poetisas utilizam a literatura como ferramenta de resistência, reconhecem o valor da ancestralidade e da maternidade como elementos centrais na construção da identidade e na luta contra as opressões.

Este ensaio busca, portanto, integrar as perspectivas teóricas sobre interseccionalidade com a análise das expressões poéticas de ancestralidade e maternidade. Pretende-se evidenciar como essas dimensões se entrelaçam para formar uma narrativa potente de resistência e afirmação identitária, para uma compreensão mais profunda das dinâmicas de opressão e das estratégias de superação empregadas pelas mulheres negras. Ao reconhecer e celebrar suas histórias e contribuições, as discussões objetivam promover uma reflexão essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

## 1 FEMINISMO E INTERSECCIONALIDADE

Apesar de seus avanços, o feminismo tradicional muitas vezes não contemplou as experiências e necessidades de todas as mulheres. Neste contexto, surge o feminismo negro como uma resposta crítica às limitações do feminismo hegemônico, trazendo à tona questões relacionadas à raça, classe e outras formas de opressão que interagem com o gênero. O movimento negro não apenas amplia a compreensão das dinâmicas de poder, mas também enriquece o movimento como um todo, estimula uma abordagem mais inclusiva e interseccional. O feminismo negro emerge como uma crítica e uma alternativa ao hegemônico, evidencia que as mulheres negras enfrentam opressões interligadas de racismo e sexismo.

A interseccionalidade é um conceito fundamental para compreender as múltiplas camadas de opressão que indivíduos enfrentam em sociedades marcadas por desigualdades estruturais. Originado dos estudos da jurista Kimberlé Crenshaw (1989), o termo destaca como diferentes identidades sociais, como raça, gênero, classe, sexualidade e outras, se sobrepõem e interagem, criando experiências únicas de discriminação e privilégio. No contexto do feminismo negro, a interseccionalidade não é apenas uma ferramenta teórica, mas uma necessidade prática para abordar as complexas realidades vividas por mulheres negras, que frequentemente são marginalizadas tanto nos movimentos feministas quanto nos antirracistas.

Luce Irigaray é uma filósofa feminista que, embora não aborde diretamente a interseccionalidade racial em suas obras, oferece *insights* valiosos sobre a construção social do gênero e a linguagem como instrumento de poder. Em *Speculum de l'autre femme* (1974), a autora critica a filosofia ocidental por sua abordagem masculina e universalista, que invisibiliza o feminino e suas particularidades. Em seus estudos, argumenta que a linguagem e os sistemas simbólicos são estruturados de forma a excluir ou subordinar a mulher, impedindo-a de articular sua própria subjetividade. Essa crítica à universalização do sujeito masculino pode ser estendida para questionar outras formas de universalismo que ignoram diferenças raciais, culturais e de classe. A análise de Irigaray sobre a necessidade de reconhecer a diferença como elemento fundamental para a emancipação ressoa com as propostas interseccionais. Ao enfatizar que o feminino não pode ser reduzido ou assimilado pelo masculino, abre espaço para discutir como outras identidades marginalizadas também não podem ser subsumidas por uma categoria universal. Isso é crucial para o feminismo negro, que busca desafiar narrativas feministas hegemônicas que não contemplam as experiências de mulheres negras.

bell hooks, uma das principais teóricas do feminismo negro, integra de forma contundente raça, classe e gênero em suas análises. Em *Ain't I a Woman: Black Women and*

*Feminism* (1981), a autora explora como o feminismo dominante falhou em abordar as necessidades e experiências das mulheres negras. Ao criticar o movimento feminista por frequentemente adotar uma perspectiva centrada nas mulheres brancas de classe média, ignorando como o racismo e o classismo afetam as mulheres negras, a estudiosa argumenta que o sexismo, o racismo e o classismo não podem ser compreendidos isoladamente, ao estarem interligados na estrutura social e nas experiências individuais.

Para hooks (1981), a interseccionalidade é essencial não apenas como um conceito teórico, mas como uma prática política e defende um feminismo que seja radicalmente inclusivo, que reconheça as múltiplas formas de opressão. Isso resulta em ouvir e valorizar as vozes das mulheres negras e pobres, que muitas vezes são silenciadas ou marginalizadas nos movimentos sociais. Sua obra nos convida a repensar as estratégias feministas, incorporando uma perspectiva que desafia todas as formas de opressão simultaneamente.

Djamila Ribeiro, filósofa e ativista brasileira, traz para o contexto nacional uma análise aprofundada da interseccionalidade e sua relevância para o feminismo negro. Em *O Que é Lugar de Fala?* (2017), a autora discute a importância de reconhecer as posições sociais de onde falamos e como essas posições influenciam nossas perspectivas e experiências. Ela enfatiza que o Brasil, com sua história de colonização e escravidão, carrega profundas desigualdades raciais que se manifestam nas vidas das mulheres negras de maneiras específicas.

Ribeiro argumenta que a ausência de mulheres negras nos espaços de poder e de produção de conhecimento não é acidental, mas resultado de estruturas racistas e sexistas. A interseccionalidade, nesse sentido, é uma ferramenta para desvelar essas estruturas e promover a justiça social. A estudiosa defende que o reconhecimento do lugar de fala é fundamental para que as narrativas das mulheres negras sejam ouvidas e valorizadas, permitindo uma compreensão mais completa das dinâmicas de opressão.

A importância da interseccionalidade para o feminismo negro reside na capacidade de abordar as complexidades das identidades e experiências das mulheres negras. Sem essa perspectiva, o feminismo pode reproduzir hierarquias e exclusões que afirma combater. Por exemplo, políticas feministas que focam apenas em questões de gênero podem não considerar como o racismo afeta as oportunidades e vivências das mulheres negras. Da mesma forma, movimentos antirracistas que não contemplam as questões de gênero podem ignorar as formas específicas de violência e discriminação que as mulheres negras enfrentam.

A interseccionalidade também desafia a ideia de um sujeito universal do feminismo. Como Irigaray (1974) critica a universalização do masculino, a interseccionalidade analisa a universalização do feminino que ignora diferenças de raça,

classe, sexualidade e outras identidades. Isso leva a uma abordagem mais inclusiva e democrática, que reconhece a diversidade de experiências e a necessidade de estratégias múltiplas para a emancipação.

Além disso, a interseccionalidade tem implicações práticas na formulação de políticas públicas e na organização de movimentos sociais. Ao reconhecer as múltiplas formas de opressão, é possível desenvolver ações que atendam às necessidades específicas de grupos marginalizados.

A interseccionalidade é não apenas uma ferramenta analítica, mas um imperativo ético para o feminismo negro. As contribuições de Luce Irigaray (1974), bell hooks (1981) e Djamila Ribeiro (2017) nos oferecem perspectivas valiosas para entender e enfrentar as múltiplas opressões que afetam as mulheres negras. Ao adotar uma abordagem interseccional, o feminismo se torna mais capaz de promover mudanças significativas e duradouras na sociedade, garantindo que ninguém seja deixado para trás na luta por um mundo mais justo.

Em sua essência, é um movimento social, político e filosófico que busca a igualdade de direitos e oportunidades entre os gêneros. Originado no contexto das lutas pelas reivindicações básicas de cidadania e direitos civis, o feminismo passou por diversas ondas e transformações ao longo dos séculos. Desde a luta pelo sufrágio feminino até as discussões contemporâneas sobre identidade de gênero e interseccionalidade, o movimento feminista tem sido fundamental para desafiar estruturas patriarcais e promover mudanças significativas na sociedade.

## 2 MATERNIDADE E ANCESTRALIDADE

A maternidade é um aspecto central na vida de muitas mulheres, carregando consigo uma série de expectativas sociais, culturais e pessoais. No entanto, quando observada através das lentes do feminismo e, mais especificamente, do feminismo negro, percebe-se que a experiência da maternidade negra é marcada por desafios únicos decorrentes da interseccionalidade entre racismo, sexismo e classismo.

A maternidade negra tem sido historicamente invisibilizada ou estereotipada, tanto na sociedade em geral quanto dentro dos próprios movimentos feministas tradicionais. Enquanto o feminismo hegemônico frequentemente se concentra nas questões de gênero de maneira isolada, o feminismo negro enfatiza que as opressões de raça e gênero são inseparáveis e moldam profundamente a vivência das mulheres negras, especialmente no contexto da maternidade.

Durante o período escravocrata, as mulheres negras foram desumanizadas e privadas de seus direitos maternos. Elas eram forçadas a se separar de seus filhos, que eram

vendidos ou explorados como propriedade. Além disso, eram obrigadas a amamentar e cuidar dos filhos dos senhores de escravos, numa clara violação de sua autonomia e direitos enquanto mães. No pós-abolição, a marginalização das mulheres negras persistiu, na atualidade. A falta de acesso a recursos básicos, a discriminação no mercado de trabalho e a violência institucional continuaram a afetar a capacidade das mulheres negras de exercer a maternidade de maneira plena e digna. Esses desafios históricos estabelecem as bases para as dificuldades enfrentadas pelas mães negras na contemporaneidade.

Patricia Hill Collins, em *Black Feminist Thought* (2000), introduz o conceito de *motherwork*, trabalho materno, que reconhece a maternidade negra como uma forma de ativismo. Para Collins (2000), as mães negras não apenas cuidam de suas famílias, mas também atuam na defesa de suas comunidades contra as injustiças sociais. Este trabalho materno é uma estratégia de sobrevivência e empoderamento diante das adversidades. No contexto brasileiro, Lélia Gonzales (1988) destaca em seus escritos a importância de compreender a cultura afro-brasileira e a influência das mulheres negras na formação da identidade nacional. Ela enfatiza que a maternidade negra é um pilar na preservação e disseminação dessa cultura, apesar das dificuldades enfrentadas.

Djamila Ribeiro destaca, em *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?* (2018), a importância de reconhecer o lugar de fala das mulheres negras e de incorporar suas vozes nos debates feministas. Ela argumenta que sem a inclusão das perspectivas negras, o feminismo permanece incompleto e incapaz de promover a verdadeira igualdade. Reconhecer e apoiar as mães negras é essencial não apenas para a justiça social, mas também para a construção de um futuro mais equitativo para todas as pessoas.

A ancestralidade é um conceito profundamente enraizado nas culturas afrodescendentes, representando a ligação contínua entre o passado, o presente e o futuro. No contexto do feminismo negro, a ancestralidade emerge como um elemento central na construção da identidade, resistência e empoderamento das mulheres negras. Ela não apenas conecta as gerações, mas também serve como fonte de sabedoria, força e inspiração para enfrentar as múltiplas opressões.

A ancestralidade permite que as mulheres negras reconheçam e valorizem suas raízes africanas, desafiando narrativas históricas que tentaram apagar ou desvalorizar a contribuição dos povos africanos e afrodescendentes. Ao resgatar histórias, tradições e conhecimentos ancestrais, elas reafirmam sua identidade e rompem com estereótipos negativos perpetuados pela sociedade. Lélia Gonzales (1988), introduziu o conceito de "amefricanidade", que destaca a fusão das culturas africanas, indígenas e europeias na América Latina. A autora argumenta que reconhecer essa herança ancestral é essencial para combater o racismo e promover a autoestima entre os afrodescendentes.

No feminismo negro, a ancestralidade é utilizada como ferramenta de empoderamento e resistência. As mulheres negras resgatam as histórias de suas antepassadas que lutaram contra a escravidão, o colonialismo e outras formas de opressão. Essas narrativas inspiram e orientam as lutas contemporâneas por justiça e igualdade.

Audre Lorde (1984), escritora e feminista negra caribenha-americana, enfatizou a importância de honrar as mães ancestrais e aprender com suas experiências. Em seus escritos, ela explora como a ancestralidade fornece uma base para a solidariedade e a compreensão intercultural entre mulheres negras de diferentes partes do mundo. Em completude, Djamilá Ribeiro (2017) argumenta que a compreensão de sua história ancestral permite que as mulheres negras reivindiquem suas vozes e narrativas, desafiando as estruturas que historicamente as silenciaram.

A ancestralidade e a decolonialidade são conceitos profundamente interligados e ocupam papel central nas discussões contemporâneas sobre identidade, cultura e resistência. A decolonialidade propõe a revisão das estruturas de poder herdadas do colonialismo e do eurocentrismo, valoriza culturas historicamente marginalizadas e impulsiona novas formas de conhecimento. Ambas fornecem meios para compreender e desafiar a dominação colonial, ao mesmo tempo que promovem uma reconexão com as raízes culturais e históricas que foram marginalizadas ou suprimidas. Ao reconectar-se com as tradições ancestrais, indivíduos e comunidades recuperam formas de conhecimento que foram suprimidas pelo projeto colonial.

Frantz Fanon, em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), aborda como o colonialismo impacta a psique dos colonizados, levando à alienação de suas próprias culturas. A reconexão com a ancestralidade é, portanto, um processo de cura e de reconstrução da identidade coletiva, fundamental para a descolonização do ser e do saber.

Paul Gilroy, em *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness* (1993), explora a ideia da diáspora africana como um espaço transnacional onde a ancestralidade e a cultura negra se manifestam de maneiras híbridas e inovadoras. Ele argumenta que a ancestralidade é uma força que transcende fronteiras geográficas e culturais, unindo a comunidade negra globalmente.

Para as novas gerações, a ancestralidade é uma ferramenta poderosa de empoderamento. Jovens negros estão cada vez mais buscando conexões com suas raízes culturais, utilizando a arte, a música e a mídia digital para expressar sua identidade e desafiar estereótipos.

A ancestralidade e a maternidade negra estão profundamente interligadas, formando uma teia complexa de identidades, resistências e transmissões culturais que atravessam gerações, representa a conexão contínua com os antepassados, suas histórias,

tradições e sabedorias. A maternidade negra, por sua vez, é um espaço de resistência e resiliência, onde as mulheres negras atuam como guardiãs e transmissoras desse legado ancestral. Juntas, elas desempenham um papel crucial na construção da identidade individual e coletiva da comunidade negra, bem como na luta contra as múltiplas opressões impostas pelo racismo, sexismo e classismo. Fornecendo às mulheres negras uma conexão vital com suas raízes africanas, permitindo o resgate e a valorização de práticas culturais, religiosas e sociais que foram historicamente suprimidas pelo colonialismo e pela escravidão. Ao se reconectarem com suas origens, as mulheres negras fortalecem sua identidade e encontram forças para resistir às estruturas opressivas que buscam marginalizá-las, portanto, não é apenas uma lembrança do passado, mas uma fonte ativa de força e inspiração.

As mães negras desempenham um papel fundamental na transmissão da ancestralidade às novas gerações. Elas são responsáveis por ensinar aos filhos sobre sua história, cultura, valores e tradições, muitas vezes através da oralidade e de práticas culturais cotidianas. Essa transmissão é crucial para a manutenção da identidade cultural e para a resistência contra a assimilação forçada pela cultura dominante.

### 3 A ANCESTRALIDADE NA POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Conceição Evaristo é uma escritora e poeta brasileira reconhecida por dar voz às experiências das mulheres negras, ao abordar temas como ancestralidade, maternidade, racismo e resistência. Em seu poema *Vozes-mulheres* (2017), ela entrelaça as vozes de diferentes gerações de mulheres, constrói uma narrativa que reflete a continuidade e a força da identidade negra feminina.

#### Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
ecoou lamentos  
de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta

no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela

A minha voz ainda  
ecoava versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade.

(Evaristo, 2017, p. 24-25).

O poema é composto por versos livres, sem uma métrica rígida ou regular. Essa liberdade formal permite que a autora adapte o ritmo e a cadência conforme a intensidade emocional de cada estrofe. O poema é estruturado em estrofes que correspondem às diferentes vozes femininas. Essa organização enfatiza a individualidade de cada experiência ao mesmo tempo em que destaca a conexão entre elas. Não há um esquema de rimas convencional. A autora opta por uma estrutura que prioriza a fluidez e a espontaneidade, reflete a oralidade e a tradição narrativa das culturas africanas.

A repetição de frases iniciais em diferentes estrofes, como "A voz de minha..." seguida por "bisavó", "avó", "mãe", "filha", cria um ritmo cumulativo e reforça a ideia de continuidade entre as gerações. A autora utiliza metáforas para intensificar as emoções e ilustrar as experiências das mulheres. Por exemplo, quando associa as vozes a elementos naturais que simbolizam força e resistência. A repetição de sons consonantais, aliteração, e vocálicos, assonância, contribui para a musicalidade do poema, evoca a tradição oral e a sonoridade das cantigas e contos ancestrais.



No poema, a escritora explora a ancestralidade através da evocação das vozes de sua bisavó, avó, mãe, dela mesma e de sua filha. Cada estrofe é dedicada a uma dessas figuras maternas, exprime uma linha de continuidade que atravessa o tempo.

A bisavó traz a memória da África e da diáspora forçada, enquanto a avó carrega as experiências de sobrevivência e adaptação em um ambiente hostil.

A mãe simboliza a transição entre o passado ancestral e o presente, mantém vivas as tradições e os ensinamentos. Sua voz reflete a continuidade da luta e a transmissão de valores para as próximas gerações.

A voz poética do eu lírico incorpora as experiências anteriores, demonstra como a identidade é construída a partir das histórias das antepassadas. A filha representa o futuro, a esperança e a perpetuação da resistência e da ancestralidade.

A maternidade é apresentada não apenas como um vínculo biológico, mas como um processo de transmissão cultural e espiritual. As mulheres são retratadas como guardiãs da memória coletiva, responsáveis por preservar e compartilhar as narrativas que fortalecem a identidade da comunidade negra.

O poema enfatiza a importância da memória coletiva e da história compartilhada como elementos fundamentais na construção da identidade. As vozes femininas retratadas enfrentam adversidades, mas demonstram resiliência e coragem, expressa a luta contínua contra a opressão. A conexão com as antepassadas permite à voz poética compreender sua própria identidade e papel no mundo, fortalece seu senso de pertencimento. A maternidade é vista como um meio de transmitir conhecimentos, valores e tradições, assegura que a ancestralidade permaneça viva nas gerações futuras.

Conceição Evaristo constrói um poema que é ao mesmo tempo pessoal e universal. Ao trazer as vozes de suas antepassadas, ela destaca como as experiências individuais estão entrelaçadas com a história coletiva das mulheres negras. A ausência de uma estrutura métrica rígida e de rimas fixas reforça a autenticidade e a espontaneidade da expressão poética, aproxima o leitor da oralidade e da tradição africana.

As figuras de linguagem utilizadas enriquecem o texto, permitindo múltiplas camadas de interpretação. A anáfora, em particular, funciona como um refrão que une as diferentes estrofes, simboliza a continuidade inquebrável entre as gerações.

O poema também serve como uma denúncia das injustiças históricas sofridas pelas mulheres negras, ao mesmo tempo em que celebra sua força e capacidade de resistência. Ao dar voz às mulheres silenciadas pela história oficial, contribui para a valorização da ancestralidade e da maternidade como pilares da identidade negra feminina.

Ryane Leão é uma poeta contemporânea brasileira que ganhou destaque por suas obras que abordam temas como identidade, ancestralidade, feminilidade e resistência. Seus

poemas, marcados por uma linguagem direta e emotiva, exploram as nuances da experiência da mulher negra na sociedade atual.

A ancestralidade é um tema recorrente na obra da autora. Ela frequentemente evoca suas raízes africanas e indígenas, reconhece a importância das gerações passadas na construção de sua identidade. A poeta utiliza a ancestralidade como fonte de força e resistência, une-se com as experiências de seus antepassados para enfrentar os desafios presentes. Em seus poemas, Leão destaca a sabedoria herdada das mulheres que vieram antes dela. Essa conexão com a ancestralidade feminina é expressa através de referências a tradições, espiritualidade e valores transmitidos de geração em geração. A poeta celebra essa herança como um tesouro que a fortalece e inspira. A maternidade é abordada pela escritora tanto no sentido literal quanto simbólico. Ela explora a figura materna como fonte de amor, cuidado e ensino. Além disso, é apresentada como um ato de resistência, onde as mulheres desempenham um papel crucial na transmissão da cultura e na formação de indivíduos conscientes e empoderados. A autora também reflete sobre a maternidade negra e os desafios específicos enfrentados pelas mães negras em uma sociedade racista e patriarcal. Ela aborda temas como a sobrecarga de trabalho, a falta de reconhecimento e a necessidade de proteger os filhos de injustiças sociais.

sankofa

herdei de minha mãe a coragem  
para me erguer e prosseguir  
e também os seus fantasmas  
quando choro as lágrimas vertem por duas  
por todas as vezes em que ela se sentou no sofá  
com a mesma expressão de luzes rompidas  
uma mulher forte é uma mulher interrompida  
minhas palavras recorrem aos seus silêncios  
abrem uma fresta de sua porta devagar  
primeiro pedem desculpa  
por todas as incompreensões antigas  
e as exigências em te querer sempre de pé  
depois pedem permissão  
para aproximar sessenta e dois anos  
do meu colo que não mais se distrai

abandonar-me está fora de cogitação  
senão quebro o fluxo da continuidade  
de seus nortes  
herdei de minha mãe  
as garras que se prendem ao que se quer

eu amo tudo que ela criptografa  
e quando descubro estão em mim  
seus sinais, desejos e fugas

tudo bem, está tudo bem  
suas notas de perdas estão bem guardadas  
e cabe a mim saber manter as colisões  
em seus devidos lugares  
saber o nome das prisões  
para poder triturá-las com os dentes  
o que não se nomeia vira pó que nada elimina  
chega a cegar os olhos

mas nem tudo que passa é nó  
e nem tudo que fica  
importa

herdei de minha mãe  
o não esquecimento  
e a urgência de nos compor.

(Leão, 2019, p. 26- 27)

O poema *Sankofa* de Ryane Leão (2019) é uma profunda reflexão sobre heranças intergeracionais, foca especialmente na ancestralidade e na maternidade. Através de uma linguagem poética rica e imagens poderosas, a autora explora como as experiências e características da mãe influenciam e moldam a identidade da filha.

O conceito de ancestralidade é central no poema, mostra a ideia de que o passado das gerações anteriores está intrinsecamente ligado ao presente e ao futuro. A palavra *Sankofa*, originária da cultura Akan, significa "voltar e buscar o que foi perdido", representa a importância de reconhecer e valorizar as raízes para avançar. A autora utiliza essa ideia para destacar como as memórias, tradições e até mesmo os "fantasmas" da mãe são herdados e perpetuados na filha. A maternidade é retratada de maneira multifacetada. A mãe é descrita como uma figura de coragem e força, mas também como alguém que carrega silêncios e "fantasmas". A expressão "uma mulher forte é uma mulher interrompida" sugere que, apesar de sua força, a mãe enfrenta interrupções e desafios que impactam sua vida e, conseqüentemente, a da filha. A maternidade não é apenas a transmissão de características positivas, mas também a herança de dores, silêncios e desafios que a filha precisa confrontar e compreender.

O poema é escrito em versos livres, sem uma métrica ou rima fixa, o que confere

uma sensação de espontaneidade e fluidez, refletindo talvez a complexidade das emoções e memórias transmitidas de mãe para filha. A repetição da frase "herdei de minha mãe" no início de diferentes estrofes enfatiza a ideia de legado e herança, cria um ritmo que reforça a conexão contínua entre as gerações. O poema estabelece contrastes entre força e fragilidade, presença e ausência, lembrança e esquecimento. Esses contrastes enriquecem a narrativa, mostrando a dualidade das experiências herdadas. O título Sankofa e a referência aos "nortes" culturais sugerem uma conexão profunda com a identidade e a herança cultural, indicando que a protagonista busca entender e integrar seu legado cultural em sua própria vida.

*Sankofa* é um poema que, através de sua exploração da ancestralidade e maternidade, revela a complexa teia de influências que moldam a identidade individual. Estruturalmente, o uso de versos livres, repetição, metáforas e contrastes contribui para uma narrativa rica e emotiva. A autora consegue, de maneira sensível e profunda, capturar a essência do legado materno e a importância de reconhecer e compreender as raízes para seguir adiante.

A literatura é como um rio profundo que, em suas correntezas, carrega as histórias e vozes daqueles que o compõem, trazendo à superfície as marcas da escravidão e a resistência daqueles que, mesmo acorrentados, nunca silenciaram. Nos poemas *Vozes-Mulheres*, de Conceição Evaristo (2017), e *Sankofa*, de Ryane Leão (2019), sentimos o pulsar dessas águas ancestrais, onde a maternidade e a ancestralidade emergem não apenas como temas, mas como essências que permeiam a existência das mulheres negras. Através de versos carregados de emoção e significado, ambas as poetisas tecem narrativas que resgatam memórias, dores e resistências, conectando passado e presente em uma sinfonia poética e sensível.

Em *Vozes-Mulheres*, Conceição Evaristo nos convida a ouvir as vozes que ecoam através das gerações. Cada estrofe é uma janela para a alma de mulheres que, apesar das adversidades, mantiveram acesa a chama da esperança e da luta. A maternidade aqui transcende o ato biológico; é a transmissão de saberes, de histórias não contadas, de afetos silenciados. A voz da mãe, da avó, da bisavó, não é apenas individual, mas coletiva, reflete todas as mulheres cujas experiências foram apagadas pela história dominante. Evaristo transforma essas vozes em um coro poderoso que reivindica espaço e reconhecimento.

Ryane Leão, em *Sankofa*, utiliza a simbologia africana para nos levar em uma jornada de autoconhecimento e reconexão. Sankofa, que significa "retornar e buscar o que ficou para trás", é o fio condutor que entrelaça passado e presente. A poeta mergulha nas profundezas de sua ancestralidade, buscando na figura materna — seja ela a mãe-terra, a mãe-África ou as mulheres de sua linhagem — a essência de sua identidade. A maternidade

é retratada como um elo sagrado que une gerações, um refúgio onde se encontra força e sabedoria para enfrentar os desafios do presente.

A ancestralidade é o coração pulsante nos poemas de Evaristo e Leão. Não é apenas uma referência ao passado, mas uma presença viva que influencia e molda o agora. Ambas as poetisas reconhecem a importância de honrar as histórias de seus antepassados, entendendo que suas próprias existências são continuidades dessas trajetórias. Através de uma linguagem poética e sensível, elas dão voz àquelas que foram silenciadas, transformando a literatura em um ato de resistência e resgate cultural.

A literatura, nesse contexto, é mais do que arte; é um instrumento de transformação e empoderamento. As autoras utilizam a poesia para desafiar narrativas hegemônicas, para reivindicar espaços negados e para celebrar a riqueza da cultura afro-brasileira. Seus versos são carregados de simbolismos, metáforas e imagens que convidam o leitor a sentir, refletir e se conectar profundamente com as questões abordadas. É uma escrita que toca a alma, que desperta consciências e que fortalece identidades.

Em uma sociedade marcada por desigualdades e silenciamentos, *Vozes-Mulheres* e *Sankofa* emergem como faróis que iluminam caminhos de autodescoberta e afirmação. A maternidade e a ancestralidade são apresentadas não apenas como temas literários, mas como vivências intrínsecas à experiência feminina negra. Elas nos lembram da importância de olhar para trás, de ouvir as vozes que vieram antes, para que possamos construir um futuro mais justo e inclusivo.

Ao final dessa reflexão, somos tocados pela profundidade e sensibilidade com que ambas as poetisas abordam questões tão essenciais. Seus poemas são convites para que cada um de nós reconecte-se com suas próprias raízes, reconheça na ancestralidade e na maternidade fontes inesgotáveis de força e inspiração. Através de suas palavras, somos levados a compreender que a literatura é, em sua essência, um ato de amor — um amor que transcende o tempo, que cura feridas e que dá voz àquilo que jamais deve ser esquecido.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interseccionalidade, a ancestralidade e a maternidade emergem como elementos cruciais na compreensão das experiências das mulheres negras e na construção de um feminismo verdadeiramente inclusivo e transformador. Este ensaio explorou como essas dimensões se entrelaçam, revela as múltiplas camadas de opressão que afetam as mulheres negras e destacando as estratégias de resistência e afirmação identitária presentes em suas vivências e expressões artísticas.

As contribuições teóricas de Luce Irigaray (1974), bell hooks (1981) e Djamila Ribeiro (2017) forneceram uma base sólida para compreender a importância da interseccionalidade no feminismo negro. Irigaray, ao questionar a universalização do sujeito masculino e enfatizar a necessidade de reconhecer as diferenças, abre caminho para uma análise que integra gênero, raça e outras identidades sociais. hooks aprofunda essa discussão ao criticar o feminismo hegemônico por sua exclusão das experiências das mulheres negras e pobres, defende uma abordagem que reconheça e combata todas as formas de opressão interligadas. Djamila Ribeiro traz essas reflexões para o contexto brasileiro, destaca a importância do lugar de fala e da representatividade das mulheres negras na sociedade.

A ancestralidade e a maternidade foram exploradas como fontes de força, resistência e continuidade cultural. *Vozes-Mulheres* e *Sankofa* são mais do que poemas; são pontes que conectam tempos, memórias e identidades. Conceição Evaristo (2017) e Ryane Leão (2019), com suas palavras carregadas de alma e ancestralidade, nos mostram que a maternidade e a ancestralidade são forças indomáveis que sustentam e nutrem a existência das mulheres negras. Seus versos tecem uma tapeçaria rica em histórias, resistências e afetos que atravessam gerações.

Através da literatura, elas resgatam vozes silenciadas, dão nome às dores e celebram as alegrias que permeiam a trajetória de tantas mulheres. A palavra poética torna-se, assim, um ato de cura e empoderamento, capaz de romper correntes invisíveis e iluminar caminhos antes ocultos. Nos ensinam que olhar para trás, honrando nossas raízes e aprendendo com elas, é essencial para construir um presente mais consciente e um futuro mais justo.

Essas obras nos convidam a refletir sobre a importância de reconhecer e valorizar a riqueza cultural e espiritual que a ancestralidade nos oferece. Ao abraçar nossas origens e celebrar a maternidade em suas múltiplas formas, encontramos força para enfrentar desafios e inspiração para transformar realidades. A literatura, então, revela-se não apenas como expressão artística, mas como instrumento de resistência, identidade e união.

Que possamos, inspirados por essas vozes, continuar a ouvir, contar e viver histórias que dignifiquem nossa essência e preservem a memória daqueles que vieram antes de nós. E que, através da sensibilidade e da poesia, possamos construir pontes que unam corações e mentes na busca por um mundo onde todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas.

## REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought**: knowledge, consciousness, and the politics of



empowerment. 2. ed. New York: Routledge, 2000.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, v. 1989, p. 139-167, 1989.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FANON, Frantz. **Peau noire, masques blancs**. Paris: Éditions du Seuil, 1952.

GILROY, Paul. **The Black Atlantic: modernity and double consciousness**. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

HOOKS, bell. **Ain't I a woman: black women and feminism**. Boston: South End Press, 1981.

IRIGARAY, Luce. **Speculum de l'autre femme**. Paris: Éditions de Minuit, 1974.

LEÃO, Ryane. **Jamais peço desculpas por me derramar**. São Paulo: Planeta, 2019.

LORDE, Audre. **Sister outsider: essays and speeches**. Trumansburg, NY: Crossing Press, 1984.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Título em inglês:

Daughters of the Ancestral Voices: motherhood and ancestry in contemporary brazilian poetry